

Tecendo estórias em comunidades rurais quilombolas maranhenses aqui e acolá

Prof^a Ms. Joseane Maia Santos Silva¹

Resumo:

A escolha de estórias em comunidades rurais remanescentes de quilombolas na zona rural de Caxias-MA, num estudo de caráter comparativo, com narrativas escritas circulantes no mercado editorial brasileiro, revela a importância da oralidade como veículo de compreensão da realidade objetiva e subjetiva.

Palavras-chave: literatura, oralidade, memória, identidade.

Introdução

O estudo de narrativas orais de comunidades rurais remanescentes de quilombolas de Caxias-Maranhão (Raposo, Lavras, Jenipapo, Trabalhosa, Quilombo, Cana Brava das Moças, Gameleira e Mandacaru dos Pretos) confrontadas com narrativas de autores contemporâneos (Alberto Figueiredo Pimentel, Monteiro Lobato, Joel Rufino, Ângela Lago, Ricardo Azevedo e Lúcia Pimentel Góes), catalogadas como literatura infanto-juvenil, objetiva verificar a função social, bem como analisar-lhes o sentido estético, numa visão integradora, distinguindo aspectos simbólicos, sociais e ideológicos dessas estórias, enfim, qual o papel dessas narrativas para aquelas comunidades. Portanto, subjacente a esse estudo avulta a cultura popular, o pertencimento das comunidades, o que caracterizaria a fruição e função social em relação com o processo histórico de formação dessas comunidades remanescentes de quilombolas.

Assim sendo, as narrativas orais não serão analisadas como manifestações artísticas ultrapassadas, fruto da imaginação do povo, que precisam ser resgatadas, mas como criação, cujas temáticas são reveladoras do Homem e do contexto em que vive. Nesse sentido, também pode trazer contribuições para compreender o papel da Literatura Infantil e Juvenil no processo de formação de crianças e jovens.

As visitas em quatro das oito comunidades, para levantamento de narradores de estórias, têm sido oportunidades privilegiadas para a realização de gravações e registro fotográfico de manifestações religiosas, bem como a revelação de uma identidade que preserva o legado cultural e histórico de seus ancestrais.

1-Narrativas Populares: do oral ao escrito

Para trilhar o percurso das narrativas, alguns autores conduzem-nos aos tempos primevos em que o ato de narrar surgiu com o próprio homem como necessidade imperiosa de explicar fatos, compreender forças misteriosas que regiam o mundo primitivo, desvelar a natureza desse homem, num cogitar alimentado por fértil imaginação. Esse fazer humano, denominado mito para uns, lenda para outros e ainda mito ou lenda como sinônimos, teve, desde sempre, relação com o ato de conhecer a realidade pelo crivo da sensibilidade e da intuição, através de imagens, símbolos, metáforas e comparações.

Considerado por muitos autores um “primeiro”, o mito nasce do exercício da imaginação entregue ao seu próprio cogitar, livre da pressão racionalizada e tem como matéria os fenômenos naturais e dos acontecimentos humanos, afirma Lúcia Pimentel Góes. Nesse sentido, é uma narrativa inaugural, instalando uma realidade que passa a existir, não importando que seja pela ação

¹ Joseane Maia Santos Silva, Profa. Ms. do Centro de Estudos Superiores de Caxias-CESC/UEMA e doutoranda em Letras-USP. E-mail: joseanemssilva@yahoo.com.br

de seres fantásticos, uma vez que guarda na essência um caráter sagrado, ou seja, convertendo-se em realidade, o mito assume feição de verdade.

Nelly Novaes Coelho, na vertente de que o homem primitivo teve como manifestação primeira o pensamento mítico, afirma que o mito perde-se no princípio dos tempos, está ligado a fenômenos inaugurais – à origem dos deuses, do mundo, do homem e explicação da dinâmica da natureza - então, sua criação foi uma necessidade religiosa. Para ela, mito e história caminham juntos, um explica o outro:

[...] o *mito* (construído pela imaginação, pela intuição do homem) responde pela zona obscura e enigmática do mundo e da condição humana, zona inabarcável pela inteligência; a *história* (construída pela razão) responde pela parte clara, apreensível e mensurável pelo pensamento mágico. (COELHO, 1993. p. 150).

Quanto à lenda, Renato Almeida define-a como uma narrativa fantasiosa sobre um fato real, sendo esse o elemento que a diferencia substancialmente do mito, uma vez que “é uma estória inteiramente fantástica”, critério tão escorregadio que o próprio autor afirma ser difícil diferenciar na prática. Versando sobre religião, história, lugares, natureza, homem, acontecimentos e personagens, a lenda nasce do imaginário popular e, sob os auspícios da fantasia, deforma fatos, coisas e figuras, dando feições novas, numa espécie de renascimento para compor o que se entende por narrativa lendária.

Outro autor, Antônio Henrique Weitzel insere o mito e a lenda no que ele classifica de folclore narrativo em oposição ao folclore poético que engloba o acalanto, as cantigas, os desafios, as brincadeiras cantadas, etc. Em um quadro distintivo do que ele chama de narrativas populares, o autor, define o mito como um fato que transcende a natureza humana, cujos personagens são entes sobrenaturais, divinos ou divinizados (deuses, gênios, demônios, totens, duendes, etc.). Afirma ainda que, de tempos imemoriais, a lenda, por sua vez, versa sobre fatos reais a partir dos quais a imaginação criadora os desfigura com caracteres maravilhosos, sendo que o que a caracteriza principalmente é a sua vinculação a um personagem famoso, ou a marco geográfico ou a um evento local, podendo dividir-se em pessoais, locais, episódicas e etiológicas.

Câmara Cascudo denomina de ‘estórias populares’ mito, lenda, fábula e conto. Para ele o mito foi sempre definido de modo impreciso e até confundido com a fábula, sendo que firma as características do mito como milenar e atual, de ação constante, acusa-se pela função, age e vive envolto em credices, escondido em medos, em pavores oriundos de um passado distante; enquanto as da lenda distinguem-se pelo traço religioso e o sentido coletivo.

Passemos à fábula, narrativa que também nasceu em tempos longínquos, sendo, ao lado do mito, da lenda e do conto considerada uma das primeiras formas literárias surgidas antes da escrita; para os estudiosos, Grécia e Índia disputam o estatuto de pátria da fábula, de modo que somente há convergência quanto ao seguinte: a fábula possui uma construção discursiva comum, independente do lugar onde se originou, foi e continua sendo um dos gêneros narrativos mais cultivados por diferentes povos. Apresentam-se como manual de boa conduta, de bem viver, mas muito relacionado com a vida política, a vida prática, às formas de como manter e conseguir o poder. Nessas estórias exemplares, que giram em torno de objetos e animais, representando tipos sociais, estão embutidos temas como: a vitória ou prepotência dos fortes sobre os fracos; a luta pelo poder através de quaisquer meio; a falsidade das mulheres; a ambição desmedida de riqueza e poder; a astúcia dos fracos para escapar à prepotência dos fortes; análise do comportamento humano.

Já o conto popular, por sua vez, classificados em contos maravilhosos e contos de fadas, por Nelly Novaes Coelho são definidos como “acontecimentos ou aventuras que se passam no mundo mágico ou maravilhoso, - espaço fora da realidade comum em que vivemos, e onde os fenômenos não obedecem às leis naturais que nos regem”. Esse conceito traz o ficcional como elemento diferenciador do mito e da lenda, se levarmos em conta o que dizem Mircea Eliade (o mito como elemento sagrado passa a “ser”, é uma história verdadeira) e Michele Simonsen (mito e lenda são acontecimentos tidos como verídicos).

Vimos então que, enquanto narrativa fictícia, cujas lutas, iniciações e experiências humanas acontecem no terreno do maravilhoso, o conto apresenta estrutura comum com o mito, possui uma atmosfera otimista (sempre acaba bem) e indica uma dessacralização do mundo mítico ou degradação do sagrado como quer Mircea Eliade. E com essa essência tem se projetado no tempo e no espaço, graças a essa força vital, passando a integrar a literatura escrita do mundo inteiro. Concordamos com o autor sobre as dificuldades em atestar o nascimento de um conto como texto literário autônomo, assim também como acreditamos que, embora o conto maravilhoso há muito tenha se convertido em literatura de diversão para crianças ou de evasão para adultos, ainda mantém estrutura de uma aventura séria, pois se constitui enredo iniciatório relacionado ao imaginário do homem. Resumindo, obstáculos reais ou simbólicos fazem parte da existência e tem tudo a ver com o mundo subjetivo desde sempre.

Com essas características, as narrativas primordiais são coletadas e passam a compor a literatura oral e escrita universal, sendo as coletâneas dos Irmãos Grimm, Charles Perrault e Hans Christian Andersen as mais divulgadas que compõem, juntamente com as narrativas locais, a literatura infanto-juvenil, terminologia que pretende abarcar as obras literárias destinadas à criança e ao jovem.

Câmara Cascudo registra nossas narrativas populares como folclore dentro da cada influência – a indígena, africana e a portuguesa. A narração oral entre os indígenas, a poranduba, repete-se como herança deixada pelos ancestrais em todas as tribos brasileiras e possui significações que vão da notícia ao relato triste, passando pelo fantástico, ilusório, mitológico, real, feitos guerreiros, sem o cunho didático das lendas. Disso há relatos feitos por seringueiros, viajantes mercadores e registro pelos cronistas coloniais de que, no terreiro em volta de uma fogueira, velhos indígenas contavam histórias de caças, feitos de chefes, mistérios da mata, assombros, explicações para seus moços tomarem conhecimento e manterem-se ligados pela tradição através de histórias facetadas, fábulas, mitos e contos.

No que se refere à influência afro-negra, é bom lembrar que o negro ao chegar em terras brasileiras já trazia influências asiáticas e européias do lado de lá do oceano, principalmente, do Oriente, o que dificulta ainda mais a questão das origens. Os africanos falam mais de quinhentos idiomas e dialetos, daí a infinidade de variantes, o pendor para a narrativa, por isso conhecem uma variedade de gêneros. No Brasil, a negra como ama-de-leite teve importante participação na convivência íntima dos brancos ao contar histórias de heróis míticos de suas terras, de bichos, anedotas, adivinhações, cantos, povoando-lhes não somente a memória, mas contribuindo com o vocabulário e com a prosódia.

A presença portuguesa, no Brasil, considerada a mais consistente, compõe-se de uma variedade de influências prévias orientais, trazidas graças às viagens terrestres e marítimas, bem como indianas e chinesas por obra do comércio e das descobertas. Assim, as histórias contadas, principalmente, pelas pessoas mais idosas, falavam de madrastas, príncipes, bruxas, princesas, gigantes, mouras encantadas, de batalhas entre cavaleiros e dragões, narrativas mantidas pela tradição e transmitidas pela oralidade de geração para geração.

É com adaptações e cooptação do folclore nacional que, antes do final do século XIX, a literatura infanto-juvenil brasileira, com essa terminologia, características e com os primeiros vínculos explícitos com a pedagogia, se converte em instrumento de afirmação de uma identidade nacional. Posteriormente, o modernismo trouxe liberdade de estilo e de linguagem, imprimindo um processo de renovação que tem caracterizado uma literatura cuja desvinculação com o pedagógico se faz evidente. Nesse sentido, o percurso trilhado até a atualidade mostra que a narrativa popular, enquanto manifestação criada a partir de um imaginário atrelado à vivência coletiva do homem, desde os tempos mais remotos, mantém uma relação visceral com a existência humana, num primeiro momento, quando aconteceu a criação e sua transmissão era oral, num segundo momento em que foi realizado o registro escrito e num terceiro momento em que foi criada literariamente. Embora sejam evidentes as mudanças na roupagem, a essência é a mesma, sobrevive ao modernismo, à tecnologia, à invenção, à barbárie, numa resistência que só podia ter mesmo a palavra como matéria.

2-Comunidades remanescentes quilombolas caxienses: suas vozes, suas histórias

As comunidades rurais pesquisadas, para além da subjetividade, exercitam a memória social ou histórica, visto que há preocupação com o registro das histórias do surgimento das comunidades, das histórias de cativo, com a recolha de artefatos que comprovem a ancestralidade quilombola, assim como com o re-avivamento de práticas culturais vividas pelos antepassados, pois, como tradição precisa ser transmitida, de geração para geração. E mais, congregando tudo isso, está a terra, para eles um símbolo cujo sentido tem relação com o espaço onde é possível demarcar identidades, sendo a memória um dos elos que permite vivenciar esse processo.

Identidade nesse contexto deve ser entendida na relação tempo e espaço em que as comunidades rurais quilombolas vivem o momento presente de lutas por direitos básicos (educação, saúde, transporte, etc.) como cidadãos que viveram e vivem historicamente à margem e, principalmente, a luta pelo direito à terra de seus antepassados, portanto, a ligação com o passado é condição *sine qua non* no processo de garantia desses direitos. Mas a ligação com o passado extrapola essa dimensão, visto o zelo demonstrado pelas danças, festividades, costumes, numa evidente atitude de resistência em tempos pós-modernos. Nesses espaços rurais onde já não impera mais o isolamento dos antigos quilombos, eles mantêm lugares (aqui o termo lugar significa espaço concreto, familiar), em cujas raízes são criadas práticas culturais ligadas às suas identidades, num embate constante contra as influências mais variadas, o consumismo global que divulga estilos, bens e serviços na velocidade da luz.

“Terras de pretos”, “comunidades negras rurais”, “remanescentes das comunidades de quilombolas” são variações que comprovam não haver consenso quanto à questão quilombola, visto que a origem dessas comunidades apontam para a compra da terra pelos escravos alforriados, para a doação de terras pelos proprietários falidos, para a prestação de serviços em revoltas e não somente pela referência aos redutos de negros fugitivos. O fato é que, concentrando a maior quantidade de quilombos, o Nordeste possui centenas de comunidades negras cuja resistência cultural imprime-lhes características próprias, verificáveis nos costumes, nas tradições, nas festividades e nas manifestações religiosas. Detentores de um patrimônio cultural rico e valoroso, porém, desconhecido de muitos, as comunidades remanescentes de quilombolas são formadas de grupos sociais cuja identidade étnica constitui a base de suas vivências cotidianas. No Maranhão, o número de comunidades é significativo (segundo Associação de Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Maranhão-ACONERUQ, existem cerca de seiscentas), numa prova incontestável de resistência à escravidão, antes e depois da abolição. Em Caxias, existem três comunidades tituladas pelo governo federal, sete cumpriram as etapas exigidas e treze estão em processo de autodefinição.

O cotidiano dessas comunidades é marcado pelo sentido do trabalho relacionado à terra, isto é, pelo tempo de roçar, tempo do plantio, tempo da colheita, tempo de espera pelo inverno e pelo verão, dos quais dependem, para começar o ciclo a cada novo ano. Tudo isso na simplicidade do saber e do fazer, com as dificuldades de sempre, geradas pela ausência de políticas públicas que proporcionem vida digna. Dificuldades que são relatadas em meio às histórias do lugar, da escravidão, da Balaiada, de Trancoso (nome mais usado), de Camonge, do lobisomem, do tempo em que os animais falavam, revelando um jeito de ser quilombola, que passa por um sentimento de compartilhamento de saberes, em que a memória vai sendo instigada para trazer do passado fatos distantes, mas que tem tudo a ver com o presente.

É comum ouvi-los falar do exercício de contar histórias como coisa do passado, incompatível com o presente que não oferece mais as condições para tal, pois, segundo alguns depoimentos, a chegada da televisão na zona rural é empecilho para reproduzir a imagem que vivenciaram na infância, uma vez que possui hora certa (à noite) e, às vezes, até período (semana santa). Por essa razão, alguns manifestaram surpresa quando indagados sobre as histórias, pois segundo eles, as pessoas jovens e as crianças não têm mais interesse. Mas é curioso que, em todas as comunidades visitadas, as pessoas saibam quem conta histórias, sendo, não raro, o mesmo nome citado várias

vezes, portanto, essa atividade não acontece apenas num roteiro como querem fazer crer as pessoas entrevistadas.

Embora o interesse da nossa pesquisa sejam as narrativas populares, chama atenção nos relatos dos entrevistados a relação que mantêm com a terra, sejam aqueles situados num passado distante ou mesmo no presente, numa demonstração de que essa constitui-se um dos elementos identitários a nortear mais fortemente a visão de mundo, crenças, desejos, perspectivas de futuro, verificáveis nos discursos e ações cotidianas. Também destacam-se os depoimentos sobre a escravidão que aparece não apenas nas poucas referências toponímicas mas, sobretudo, através de relatos tristes, curiosos, resumidos, com riquezas de detalhes, num exercício orientado pela memória que traz a voz dos antepassados e lembranças da infância, aqui registrados e preservados como foram gravados:

Arcancei muita gente que sabe de cativo, minha mãe foi criada junto com o povo do cativo, era negra veia também, mas num foi cativa. E bem aqui nesse Ferrão teve uma feitoria de nego, o feitor, chamava-se ele...era o como era o nome dele? O bicho já morreu... faz tempo (pergunta pra filha, demonstrando que contava essa estória para os filhos). Num sabe, não, costumada ver eu contá. Morava a finada Germana essa bebeu um bule de café com sal que o branco deu pra ela. Os pareiro dele vieram visitar ele, num sabe? Aí mandou ela passar o café, aí ela passou avexada mas invés de botar açúcar, botou foi sal, que quando eles tumaram o café, só fizeram levantá. Aí ele precurou o que foi, eles num disseram nada, também eles só fizeram amuntá nos animal, foram embora. Que é certo que... aí quando eles saíram, ele foi experimentá o café e o café tava salgado, viu? Aí ele botou o café pra ela beber todim, mas foi uma saúde pra ela, porque ela viveu 115 anos, viu? Com 115 anos tá vendo, ela infiava uma agulha, viu? O que é certo é que essa eu arcancei e vi ela contá não foi só uma vez nem duas. Ela cansou de dizer: olha, meu filho, quem num sabe o que é cativa.... eu quase morro, bibi um bule de café com sal, mas ainda tô viva.

(ENTREVISTA: Raimundo José da Silva, 77 anos, conhecido por Raimundo Geraldo, Quilombo Jenipapo)

A genealogia é invocada com nomes, características físicas, psicológicas, explicações sobre nomes das comunidades, tudo isso a reforçar o sentimento de pertença:

A minha bisavó chamava-se Martinha, ela serviu no cativo. Meu bisavô materno chamava-se Antônio de Aristarco. Quando essas moças vieram de Portugal, direto pra Caxias, elas sabendo que tinha essa terra nacional... Meu bisavo já morava lá, aí elas foram e tiraram 2.400 hectares de terra, aí elas passaram a dominá como delas, aí os negro foram trabaiá quando libertaram os negos, elas ficaram sem ninguém e foram embora pra Caxias e lá morreram. Elas eram muito fina, não tinha contato com negro. Só o Benedito, o feitor, ele a mulher D. Martinha, minha bisavó. (ENTREVISTA: Nazaré Costa dos Santos, 65 anos, Quilombo Cana Brava das Moças).

As referências às estórias de Trancoso também estão relacionadas ao passado, aos antigos, que, antes tinham platéia, diferente dos tempos atuais, em que a televisão já se faz presente:

Essas istória prosseguiram muito até depois do desenvolvimento. Depois que as coisas começaram a desenvolver, as pessoas a ter mais conhecimento foi acabando essas estórias, o povo foram... Antes os veios contavam pras crianças, era uma forma de ter mais contato humano com os filhos, juntava um horror de menino, se era de conversá besteira, inventava aquela estória de Trancoso, os meninos se intertiam que dormia. (ENTREVISTA: Francisco de Assis dos Santos, conhecido por Diá, 61 anos, Quilombo Jenipapo).

Conclusão

O contato com as comunidades remanescentes de quilombolas maranhenses possibilita uma análise em que a categoria resistência se impõe, se traduz num sentimento de pertencimento e se revela numa motivação que sustenta-lhes a voz que narra histórias de escravidão, descreve gentes e recupera narrativas contadas de geração para geração. Dos mitos aos causos, em que misturam-se ficção e realidade, as estórias formam um tecido social e estético, exercem um papel que regulam vidas, transmitem normas, comportamentos, crenças, enfim revelam homens e mulheres que preservam o passado e vivem um presente de luta não somente pela posse da terra como também pela afirmação de uma identidade.

Referências Bibliográficas

- [1] ALMEIDA, Renato. *Vivência e Projeção do Folclore*. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1971.
- [2] CASCUDO, Luís Câmara. *Literatura oral no Brasil*. Itatiaia/São Paulo/EDUSP, 1984.
- [3] COELHO, Nelly Noaves. *Literatura Infantil: teoria-análise-didática*. 6. ed., São Paulo, Editora Ática, 1993.
- [4] _____. *O conto de fadas*. São Paulo, Ática, 1987.
- [5] ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2006.
- [6] GOÉS, Lúcia Pimentel. *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil*. São Paulo, Pioneira, 1984.
- [7] MUNANGA, Kabengele. *Redescutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2006.
- [8] PROJETO VIDA DE NEGRO. *Vida de negro no Maranhão: uma experiência de luta, organização e resistência nos territórios quilombolas*. São Luís-MA, SMDH?CCN-PVN, 2005.
- [9] SIMONSEN, Michele. *O conto popular*. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1987.
- [10] WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e lingüístico: pesquisas de literatura oral e de linguagem popular*. Juiz de Fora, EDUFJF, 1995.